

A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENA ILUSTRADA

PEQUENA CHRONICA

AS CRIANÇAS:

É luminosa a estrada do Bem. Luminosa como uma alvorada de maio. Cantante, cheia de harmonias, como uma noite luarenta de julho, em que os rouxinoes esfuziam hymnos na ramagem verde dos sabugueiros, e as estrollas, do alto da abobada azul-celeste, atiram pontas de alfinetes lucilantes para a planície vaga, indefinida, que dorme na paz santa das quietitudes campestres. Na estrada do Bem, pela luminosa via de S. Thiago, vão trilhando todos aquelles que lutam a favor dos pobres, dos humildes, dos desherdados da fortuna. Tem, na verdade, a consagração publica, a doce e suavissima aza do reconhecimento de todos os corações bem formados. Mas, acima de tudo, mais leve que um sonho de delicias, muito mais suave que os tercetos de Dante e do que as melodias de Bellini tem a propria consciencia que lhes diz:—fizeste bem!

Bem, muito bem faz o sr. conselheiro José Novas, governador civil do districto, e a Commissão administradora das Beatas, transformando esse cazarão sombrio n'uma alameda verde e luminosa: os raros das janellas na cristalinidade da luz; os ripanços sebaceos e velhos em teares e em officinas; a rouquejante mastigação de rançosos latins na doce oração, na suavissima prece de corações de orphãs, de meninas desvalidas que alli vão ser agasalhadas, como andorinhas que, n'um mar largo, se pousam nos mastros dos navios, porque não tem outro poiso; e, ou alli fixam as delicadas pernitias, ou cahem, extenuadas, no abysmo!.. É no abysmo social, no grande e largo abysmo de lama e de monturo, cahem e se enterram muitas mulheres, porque a sociedade as desamparou quando crianças, porque as abandonou; e ellas, innocentes, mas desvalidas, extenuadas da lucta contra a miseria e contra a propria sociedade, cahiram, então, porque não tiveram onde poder suster-se, na deladeira escorregadia da desgraça!

Mas uma ideia santa é como um fôco de luz. Dá reverberos luminosos.

Ha necessidade d'un outro estabelecimento assim. Nas Beatas vão albergar-se raparigas. É necessario albergar tambem os rapazes. Funde-se, transforme-se, faça-se de qualquer forma uma casa, um asylo, uma officina para esses farroupilhas que por ali vagabundeiam, rotos, descalços, a cabeça ao sol e á neve, debaixo do

chuveiro impetuoso dos maus e-tempos, das más doutrinas e das pessimas educações. Uma rapariga mal educada, desamparada, pode dar contingente para os prostibulos. Um rapaz abandonado, atirado para o meio do monturo social, despresado assim como um cão vadio, que se alimenta das escurrencias dos canos de esgôto, pode dar, dá quasi sempre—primeiro um ladrão, e depois um assassino. Queixa-se a sociedade; queixam-se os ricos búrquezes que lhes assaltam as casas, que lhes invadem a propriedade! Pois a culpa é vossa, simplesmente vossa, bojudos argentarios. Educai a criança, amparai-a, e tereis bons cidadãos! É um louco aquelle que deixa no meio da rua um jarro de Sevres; pode passar um vehiculo e quebral-o. Pois o rapaz vadio que se deixa andar, á tôa, abandonado pelas praças e pelas viellas, é louça melhor que a de Sevres. É crystal rutilante. É, abandonado, desprossido, torna-se um carvão que suja o linho das aspirações sociais: transforma-se n'um borrião que escurece a grandiosa tela humana. Depois, as nossas leis, a nossa organização penitenciaria, está como que a fomentar este comboio social de criminosos aprendizes. O rapaz que furta um pão, muitas vezes porque não comia ha dous dias, é lançado na cadeia. E quem encontra essa criança inexperiente e suggestionavel, dentro das nossas prisões? Assassinos, grandes ladrões, repelente escoria do monturo humano. Entra uma magnolia branea e sahe um rebento de lama.

Grandiosas são, para o effeito educativo dos rapazes vadios e desamparados, as Officinas do S. José. Luzeiros luminosos da manhã da sociedade—que vai despontando. Quando fôr moço lã, é que os fructos de tão bendita obra se hão de ver, pujantes de seiva, luzidios de vida.

Ora, se Barcellos não pode ter uma Officina do S. José, pode ter uma escola d'artes e officios como a Congregação do Espirito Santo as tem em differentes nações, e até na nossa, em Cintra.

Mãos á obra, corações generosos. O rapaz abandonado, atirado ao monturo, causa mais estragos do que a rapariga. Barcellos olhou para estas. É necessario olhar tambem para elles. Andam por ali descalços, rotos, á chuva e á neve, na deladeira do vicio e do crime... Não os védes? Não os quereis amparar?

Tende piedade d'elles, que fazeis uma grande obra social. O bem para elles, e até o bem para nós.

Z. Saramago

CARTA

Recebemos d'uma gentilissima dama d'esta villa a carta que adiante publicamos. Não nos auctorison s. ex.^a a publicar-lhe o nome, cobrindo-se n'um pseudonymo. Pois bem o podia fazer, porque a carta está finamente escripta, e revella una escriptora de pulso. A ironia, de mãos dadas com a observação mais rigorosa.

... Sr. Redactor da «Lagrima».

Anda V. ... empenhado n'uma campanha e n'uma lucta moralisadora. Dou-lhe os meus parabens, e a minha mão de neve. De neve, não porque seja muito branca, mas porque é muito fria. E fria, sr. redactor, sou eu toda, na observação d'este meio piegas da nossa terra, em que uns pobres rapazes, que toda a gente sabe quem são, se querem tornar salientes... O que vale, no entanto, é que a sua saliencia não tem ido além do fato. No espirito, infelizmente para elles, são de uma mediocridade vulgarissima.

O que elles me lembram, quando, no jardim se passciam na sua ompafia ba'ôfa, dizendo sempre a mesma cousa, repetindo, salivando, cuspiendo, engasgando-se!..

Repito. Louvo a sua campanha. E' uma necessidade cortar a crista a certos gallos doudos. Por que, u o o fazendo, tornam-se insupportaveis.

Sou, com respeito,

Idalina.



CHAPEUS DE PALHA

Os nossos dandys, sempre correctos, sempre empoados, annuviaram-se com a ultima *farpa* que lhes cravamos, e mandaram vir do Porto chapheus de palha, *de abas largas*, para *complemento* da toilette irrisoria da faixa!

Acontece, porem, que muitas vezes a barriga está cheia de vento e não de alimento. Mandaram pelo recoveiro **mil e duzentos reis** para cada copa de palha, perdão, para cada chapheu de palha. Do Porto, porem, mandaram-lhes os chapheus, mas *notificando* que cada um custava dois mil e quatrocentos.

Os dandys reuniram-se no jardim, e resolveram o seguinte, depois de acalorada discussão:

1.º—Devolver os chapheus.

2.º—Pedir os 1:20) que tinham enviado.

3.º—Guardar segredo da cousa, para que não se soubesse que, se não usam a palha, não é por a charem cara...

Mas soube-se!



PERFIL

Em dias de feira tem sorriso para todos e palavras que, como setas, trespassam o coração dos Zés: o cabello pede oleo d'amendoas dôces: os olhos, grandes, sempre em movimento: o nariz assusta, em noites escuras.

Gorgeia como um pardal.

E' a esperanza de muitos e o regalo d'um só: não vai ao *jardim*, mas falla dajanella. Tem um Cerebero que a guarda como á *menina dos seus olhos*.

Triste e languida. macillenta e pallida ha uns dias a esta parte.

Conhecem-n'a?

Agora.



NOTAS D'UM ROMEIRO

S. Bento, 11 de julho:

Muita gente; gente em barda. O terreiro pequeno para tanto povo. A igreja mais pequena ainda para tantos devotos. A taça das esmolas cheia, cobre e notas, prata e ovos. Cravos muitos. Até parece que já não padece, a humanidade, de doença de pés... O Santo, pequeno. Imagem mal feita, mas muito milagrosa. Tem feito andar á unha o párocho e a junta de parochia ha tres annos a esta parte. Hoje não, que o reitor novo dá-se

bem com todos. Pequeno de corpo, mas grande da alma, segundo parece. Já não vi molhos de podas na igreja como em outros tempos... Sempre se vai progredindo. Mas vi o Santo en-



forcado em uma parra com uvas americanas meio maduras.

Pelas tascas uma grande animação: mais ainda que no templo.

Vinho beberam-se seis pipas e meia.

3:344 litros. Isto, oficialmente, o que pagou direitos á Fazenda, porque do outro, do que não pagou direitos, ainda se havia de beber uma grande quantidade de meios litros, com muita fê e muita sede.



Gente que viajou em carros, de Barcellos a S. Bento e vice-versa—2:150 pessoas! A 40 reis, dá a somma de **98:000 reis!** E ainda dizem que o povo não pôde pagar mais...

O que o povo não pôde é divertir-se tanto e melhor.

Isto, não entrando os carros que vieram da Povoá, os de Espozende, os de Balugães, os de Braga, o comboio, etc.

Sahi á noite. Na estrada grande atrapalhação, por causa d'um carro *cheio*, sem ser na *postura!* Achei curioso, porque os ovos, deixando-os estar na postura, é que se enchem mais... Tendo calor, dão uns pintainhos. Um empregado, de bonet e grande barriga, gesticulava... e dois

moços novos, de varas altas, á móda de puchadores, berravam.

Não sei o que foi.

Era tarde, vim-me embora.

J. do M.



UM FATAL ENGANO

Era ao findar da tarde d'un d'estes dias calmantes. As ultimas claridades do dia principiavam a combater-se com as primeiras sombras da noite, e a lua começava já a divisar-se no horisonte. O que ha de mais encantador na nossa *haute élite* tinha affluído n'aquella tarde ao jardim, e, em passeio vertiginoso, percorria a ala principal. Os nossos *leões*, engolphados na sua tarefa amorifica, acompanhavam as suas formosas divas em conversa hilariante, citando-lhes lentamente periodos de romance. As creancitas, como bandos de passarinhos a chilrearem, corriam ao redor do lago, procurando ver, já com os primeiros reflexos da lua, a côr brilhante e encarnada dos peixinhos. Além, n'um banco, em conversa por vezes ruidosa e animada, estava, desde muito, sentado um galante par. Como quem exita, porém, em dar alguma resposta, estavam mudos. De repente ella volve-lhe um olhar austero, e em voz rispida diz-lhe:

—Eu não creio no teu amor. Os homens são uns falsarios.

Elle, então, com os olhos flamejantes, fazendo um jogo de scena dramatico, faz que tira qualquer coisa do bolso e, levando-a ao peito, diz-lhe:

—Ja que não crês na pureza do meu amor, já que me chamas falsario, vou rasgar o peito com este punhal, pois prefiro morrer a não ser amado por ti!

Ella, pallida, afflicta, olha-o e, ven-

do-lhe, no breve relancear, uma facha na cinta, julga ser um jacto de sangue. Dá um grito afflictivo e cahe desmaiada. Corre gente de todos os lados movida pela curiosidade e, vendo-a prostrada, levantou-a, e prestou-lhe todos os soccorros e, quando ella recuperou os sentidos, veio a saber-se que o que lhe tinha parecido sangue era a facha vermelha, a celebre moda do dandysmo barcellense...

Grantan.



E' lei da sorte...

Dera meia noite no relógio do David.

Um silencio profundo emergia a villa. Só ao longe, assim como o ciciar da brisa num pinheiral, ouvia-se o murmurar das aguas do rio Cavado no açude de St.º Antonio de Vessadas.

Na rua de Faria Barbosa, antiga rua das Latas, onde morreu aquelle santo, cujo cadaver exhalava, quando exposto, um cheiro suavissimo, segundo affirma o frei Pedro de Poyares, começa a ouvir-se, assim como a plangencia duma namorada, o som doce d'um harmoniflute.

Entreí em casa. Deitei-me.

Acabava de dar 1 hora no relógio do municipio. Um cão latia compassadamente, como se obedecesse a um compasso moderado.

Deram duas. Já não era só um cão. Eram agora dois que latiam.

Deram 4. Agora, mais de seis, n'uma raiva hydrophoba, terrivel, indescriptivel, faziam, no echo, uma ensurdecadora barulheira de dynamite.

Adormeci ás 5.

A's 6, dou um pulo na cama. Um trovão accordara-me. Ponho-me a pé envolto n'um lençol, assim como

aquelle personagem dos *Sinos de Corneville*, chego-me á janella para prescrutar os astros. Manhã formosissima...

Ponho o ouvido attento e... ouço o arrastar pesado e vervotico d'um caixão ou carro, n'uma sala d'um meu visinho...

A's 7 fui para o trabalho...

«Enfim, negro fado escreveu, com pena d'aço, o meu cruel destino. E' lei da sorte».

Zetil



ESTA SÓ PELO DEMONIO...

Desarranjo na machina. A Marinoni *desmarionada*...

Tinhamos um numero apimentado, gravuras em lousographia, e vai se não quando—partem se as lousas, esmigalham-se as gravuras!

Perdoai, leitores assiduos; perdoai bondosos e pacientes leitores. Para o numero seguinte hade ir tudo: gravuras, pimenta, sal, alhos e... cabeças de bogalhos...



EXPEDIENTE—Como o nosso jornal tem progredido tanto e tanto, foi necessario arranjarmos escriptorio de administração, com burra etc, para guardar o milho dos fabulosos lucros...

E', pois, administrador da «Lagrima» o nosso amigo sr. Antonio d'Araujo Lima, para todos os effeitos.



«A LAGRIMA»

Mez 20 reis
Avulso 10 »

Responsavel=João G. da Silva

Typographia da «Folha da Manhã»